

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Lisiane Marcia Michaelsen

PRESERVAÇÃO DA CULTURA MBYÁ GUARANI:  
A TRAJETÓRIA DE HUGO/ WERÁ

Porto Alegre  
Novembro de 2018

Lisiane Marcia Michaelsen

PRESERVAÇÃO DA CULTURA MBYÁ GUARANI E A RESISTÊN:  
A TRAJETÓRIA DE HUGO/ WERÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Sociologia de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Pablo Quintero.

Porto Alegre  
Novembro de 2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Michaelson, Lisiane Marcia  
Preservação da cultura Mbyá Guarani: A trajetória  
de Hugo/Werá / Lisiane Marcia Michaelson. -- 2018.  
49 f.  
Orientadora: Pablo Quintero.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em  
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Cultura Mbyá Guarani. 2. Aldeia Guapoy, Barra do  
Ribeiro. 3. Escola de aldeia. 4. O Jeito de ser Mbyá  
Guarani. 5. Preservação da Cultura Mbyá Guarani. I.  
Quintero, Pablo, orient. II. Título.

Lisiane Marcia Michaelsen

PRESERVAÇÃO DA CULTURA MBYÁ GUARANI: A TRAJETÓRIA DE HUGO/ WERÁ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Sociologia de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

---

Orientador: Professor Dr. Pablo Quintero

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Professora Doutora Valéria Aydos – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Professor Doutor Vitor Richter...- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Para:*  
*Minha amada família, em especial à meu*  
*marido Elemar, grande incentivador de meus*  
*sonhos.*

*Agradecimentos:*

*À todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste estudo, em especial ao meu orientador Pablo Quintero, pela compreensão no período que me fiz ausente durante minha recuperação pós cirúrgica.*

*Aos componentes da banca examinadora.*

*Ao personagem principal deste estudo: Hugo Caceres, pela disposição, gentileza e acolhida na Aldeia GuapoY.*

*Ao s meus filhos Andressa e Anderson e ao meu marido Elemar, pela paciência nos momentos em que me fiz ausente.*

“Precisamos dar um sentido humano às nossas construções. e, quando o amor ao dinheiro, ao sucesso nos estiver deixando cegos, saibamos fazer pausas para olhar os lírios do campo e as aves do céu.”

(Érico Veríssimo)

## RESUMO

O tema central desse estudo é a discussão sobre as formas que uma aldeia Mbyá-guarani encontrou de continuar existindo e preservando sua tradição, ao mesmo tempo em que precisou se adaptar a novos espaços e novas realidades, que incluem boa dose de intervenção da cultura dos *juruás*. Como impedir que a tradição se perca, frente à necessidade da alfabetização dos jovens e adultos que precisam aprender como movimentar-se neste mundo, que ao mesmo tempo lhes é estranho e peculiar? Como transitar entre esses dois mundos e ainda assim preservar sua identidade? Conduzimos esse estudo qualitativo utilizando o método etnográfico e da entrevista narrativa episódica. Tendo como personagem principal, o vice-cacique e professor de guarani/português das séries iniciais Hugo Caceres (Werá), acrescido da análise de dados coletados no local em diversas visitas realizadas ao longo dos dois últimos anos, conversas informais com diversos moradores da aldeia, trabalho junto às crianças da escola e passeio pelo território da aldeia. Por fim analisamos os dados coletados à luz das discussões levantadas pelos estudos de BONAMIGO (2017) e LADEIRA (2008), evidenciando como se dão as trocas entre os indígenas e os homens e como essas questões inserem-se na cultura guarani, sua territorialidade, mobilidade, enfim, seu *nhandereko*.

**Palavras-chave:** Territorialidade. Tradição. Trocas. *Nhandereko*.

## ABSTRACT

The central theme of this study is the discussion about the ways in which a Mbyá-Guarani village has found to continue existing and preserve its tradition, while at the same time needing to adapt to new spaces and new realities, which include a good deal of intervention from the culture of the Juruá. How can we prevent tradition from being lost, in the face of the need for literacy of young people and adults who need to learn how to move in this world, which at the same time is strange and peculiar to them? How do you navigate between these two worlds and still preserve your identity? We conducted this qualitative study using the ethnographic method and the episodic narrative interview. Having as main character, the vice cacique and teacher of Guarani / Portuguese of the initial series Hugo Caceres (Wera), plus the analysis of collected data in the place in several visits made during the last two years, informal conversations with several villagers, working with the school children and walking through the village territory. Finally, we analyzed the collected data in the light of the discussions raised by the studies of BONAMIGO (2017) and LADEIRA (2008), showing how the exchanges between the Indians and the men take place and how these questions are inserted in the guarani culture, its territoriality, mobility, finally, its nhandereko.

**Keywords:** Territoriality. Tradition. Exchanges. Nhandereko

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 PEQUENO APANHADO DAS ORIGENS E CARACTERIZAÇÃO DA ALDEIA GUAPOY DOS MBYÁ GUARANI .....	13
1.1 Como chegaram até Guapoy .....	13
2 visitas à aldeia .....	21
2.1 Primeira visita à aldeia Guapoy.....	21
2.2 Conversa com as mulheres da aldeia .....	22
2.3 Trabalho com as crianças .....	26
2.4 O amor do Mbyá Guarani pela terra.....	27
2.5 Retornando à aldeia.....	29
3 CONSTRUINDO A HISTÓRIA DO PERSONAGEM HUGO/WERÁ.....	32
3.1 O dia da entrevista .....	33
3.2 A entrevista .....	35
3.3 Conhecendo a aldeia Guapoy.....	38
3,4 Hugo/Werá.....	40
CONCLUSÃO .....	43
REFERÊNCIAS .....	48
ANEXOS .....	49

## INTRODUÇÃO

A história de um povo, nunca é algo acabado, está sempre se construindo, sempre existem perspectivas a serem descobertas. A pesquisa, dessa forma, torna-se a atividade central para as ciências sociais, que por meio de seu método indaga, tenta construir uma determinada realidade e explicá-la. O antropólogo aparece como aquele capaz de buscar uma interpretação da realidade a partir do estudo de um determinado objeto pelo qual busca, através do estranhamento, compreender um universo de significações que, muitas vezes, é incompreensível aos seus agentes sociais.

Para que o antropólogo possa construir seu estudo é necessário que ele se interesse por um determinado objeto, formule um problema e busque solucioná-lo. A antropologia, assim como as outras ciências humanas interessa-se pelas coisas humanas, mais especificamente pelo ser humano. A antropologia social, busca compreender a complexidade desse e nessa busca dá importância a todo e qualquer fato que venha a contribuir para sua formação.

Malinowski foi um dos primeiros antropólogos a propor uma interpretação teórica seguida ao trabalho de campo. Deve-se a ele a criação do método da observação participante, segundo o qual, o pesquisador deve inserir-se no grupo a ser estudado buscando assim, através dessa aproximação, entender melhor seu objeto de estudo. Partindo desse pressuposto, busquei estudar mais sobre aldeia de Mbyá Guarani que fica localizada bem próxima de minha casa. Através do método da observação participante, busquei compreender e conhecer um pouco mais sobre as pessoas mbyá guarani da aldeia Guapoy

Ao longo de minhas visitas a aldeia, um personagem foi se destacando em meio aos demais, percebi então que poderia, me utilizando da técnica de entrevista narrativa episódica levantar dados para conhecer a trajetória de vida deste que é vice- cacique de nome Hugo, ou Werá (seu nome Guarani), desta forma, este trabalho foi realizado utilizando os dois métodos, o etnográfico, buscando compreender alguns aspectos da rotina da aldeia, e o de narrativa episódico com entrevista ao vice- cacique Hugo, idealizador da implantação das escolas de aldeia na região .

Através da narrativa de sua história de vida, busquei conhecer as motivações de Hugo e seu empenho em construir escolas nas aldeias, seu trabalho no

convencimento dos líderes quanto à necessidade de sua implementação e também levantar um pouco mais de dados que pudessem nos ajudar a discorrer sobre a rotina e história dos Mbyá Guaranis da aldeia Guapoy.

Dessa forma, no primeiro capítulo, tentei realizar um pequeno apanhado histórico das origens dos mbyá-guaranis no Estado, traz também uma pequena caracterização da aldeia Guapoy, um breve apanhado de suas origens e relatos sobre sua transferência para a nova área demarcada em janeiro de 2014.

No segundo capítulo, um relato sobre as visitas a aldeia, as entrevistas realizadas com o Cacique Maraino, o relato do trabalho com as mulheres e crianças da aldeia, as observações feitas em campo. Encontra-se também algumas descobertas sobre a visão dos guaranis em relação à terra e a sua posse e a resignificação dos espaços preexistentes.

No terceiro capítulo conto a história de Hugo, vice cacique da Aldeia Guapoy, personagem solícito, muito ativo na aldeia, professor bilíngue das séries iniciais, responsável pela implantação das escolas na aldeia na região, que hoje luta pela construção de um novo prédio para a escola de sua aldeia, que hoje funciona num antigo galpão de arroz que havia na propriedade.

. No decorrer desse estudo fui surpreendida de várias formas, pois mesmo que tentemos nos esvaziar de nossos preconceitos, sempre nos sobrar certo grau de etnocentrismo, buscar a neutralidade científica não é tarefa fácil, mas é um exercício que precisa ser observado pelo antropólogo que busca desvendar os mistérios de uma cultura que lhe é estranha.

Quando cheguei pela primeira vez à aldeia tinha uma visão muito limitada a respeito dos guaranis que ali viviam, só os conhecia “de longe”, mas a experiência de ter convivido com aquele grupo, mesmo que por pouco tempo, me fez mudar radicalmente minha visão. Estar na aldeia me fez sentir o amor e o respeito que os guaranis têm pela terra e por todas as criaturas de *Nhanderu*. O que mais me chamou atenção foi o clima de tranquilidade e como os mbyás guaranis recebem bem seus visitantes, as crianças, nos rodeiam com sorrisos em seus rostos, nos presenteiam com folhas, galinhos, carrapichos, ou qualquer coisa que esteja a mão, tentam se comunicar e em pouco tempo, já estão procurando o aconchego de nossos colos.

Nas considerações finais, algumas impressões e sentimentos em relação ao que foi coletado durante o estudo. Uma experiência muito gratificante que

esperamos que contribua, mesmo que singelamente, para o conhecimento da cultura Mbyá Guarani.

# 1 PEQUENO APANHADO DAS ORIGENS E CARACTERIZAÇÃO DA ALDEIA GUAPOY DOS MBYÁ GUARANI

## 1.1 Como chegaram até Guapoy

Os povos guaranis encontrados em nosso estado têm sua origem ligada aos primórdios da ocupação humana dessa porção do planeta. Eles fazem parte dos primeiros habitantes dessas terras, aqui instalados desde muito antes da chegada dos colonizadores europeus. Após a chegada desses, vêm sendo expropriados de suas áreas tradicionais ao longo dos 500 anos de história do Brasil.

Segundo Garlet e Assis *apud* Bonamigo:

... os indivíduos pertencentes à etnia Mbya nos três estados do Sul do Brasil compunham aproximadamente 2.640 indivíduos, em 1998, distribuídos em 549 famílias. “A situação fundiária no Brasil meridional é um dos aspectos mais impactantes e reveladores deste levantamento. (...) Os números atuais, mais que um diagnóstico, são testemunhos de toda uma trajetória histórica de esbulho territorial e da sistemática negação ao direito básico a ter seus espaços garantidos. (BONAMIGO: 2006, p.26)

Segundo a tradição oral mbyá-guarani, (Comin 2018) os antigos guaranis, caminharam na direção do lugar dos ventos, passando por vários campos, pinheiros de araucárias, matas baixas, etc., *Nhanderu* indicava os locais onde deviam parar e cultivar as sementes, assim seguiram às margens de vários rios que nomearam Yguaxy, Paraná, Paraguai e Uruguay e encontraram a *Yyupa*, grande poça de água (lagoa dos Patos). Seguindo o rumo do sol, chegaram a Serra do Mar, lugar de muita inspiração para os mbyá se fortalecerem espiritualmente e formar *tekoa*, onde então podem desenvolver seu modo de ser, ou seja, seu “*Nhandereko*”. Eles davam nome aos lugares, plantavam as sementes e criações de *Nhanderu*, assim adquiriram e transmitiram aos seus descendentes uma vasta sabedoria milenar sobre as florestas da Mata Atlântica.

Para os guaranis, a terra é de quem a criou, ela é de *Nhabderu*, por isso eles não constroem cercas, a terra é a casa de todas as criaturas de *Nhanderu*, qualquer parente que chega à aldeia, é bem vindo, ninguém lhe dirá quantos metros quadrados de terra ele pode usar, pois a terra é de *Nhanderu*, portanto é de todos, a aldeia é de todos, as águas são de todos, as matas são de todos, só é necessário cuidar da forma como *Nhanderu* ensinou.

Com a chegada do colonizador, muitos desses costumes foram alterados e para sobreviver, esses grupos tiveram que abandonar as terras tradicionalmente por eles ocupadas. Durante muitos séculos, os indígenas não foram respeitados em seus costumes e em seu direito ao uso das terras. Aqueles que sobreviveram ao genocídio causado pela colonização, foram limitados a viver em espaços onde não conseguem viver sua cultura de forma plena.

A Constituição de 1988 garante a demarcação das terras indígenas, porém, as ações tomadas até hoje são insuficientes para garantir aos povos indígenas do Brasil condições adequadas para a manutenção de seu modo de vida. Até hoje, muitos desses grupos resistem em locais apertados próximos às grandes rodovias, como ocorria até bem pouco tempo com os Mbyá-guaranis da aldeia *Guapoy*, viviam junto à BR 116 esperando a demarcação do que restou de suas áreas tradicionais que ainda não são cidades, rodovias, fazendas, nem Unidades de Conservação. Ainda existem muitos povos que vivem na esperança que as autoridades cumpram seu dever e demarquem terras para que possam conservar sua cultura e seu modo de vida dignamente.

No município de Barra do Ribeiro, vários grupos Mbyá Guarani, até bem pouco tempo, resistiam instalados às margens da BR 116, aconteceu que essas aldeias foram atingidas pelo processo de duplicação da rodovia e tiveram que ser removidos desses, para outros espaços.

A aldeia Flor do Campo, onde viviam boa parte das pessoas que vieram para a **Guapoy**, estava localizada em uma área cedida por proprietários de uma vinícola. A área era de aproximadamente 1,5 hectares já dava sinais de saturação com áreas de roça reduzidas, espaços de mata restritos e núcleos familiares aglomerados. Antes disso, esses habitantes, viviam apenas na margem da rodovia muito próximos ao riacho local sujeitos as inundações. Para eles a área cedida de bom grado pelo proprietário possibilitou-lhes uma melhoria em suas condições de moradia. Porém, em 1º de janeiro de 2010 a aldeia sofreu com um incêndio que se acredita ter sido criminoso, nesse ocorrido, muitas casas foram destruídas enquanto as famílias residentes estavam fora visitando parentes na aldeia vizinha, o caso foi denunciado ao Ministério Público, mas os culpados nunca foram encontrados.

A lista de dificuldades por que passaram os integrantes da aldeia é enorme, por isso, a demarcação de uma nova área com 91 hectares foi vista com muito otimismo por todos. Vejamos o relato do Cacique Maraino Garai (53 anos) sobre as

lembranças do passado e as expectativas que tem em relação ao futuro nas novas terras:

“A verdade é que por muito tempo sofremos muitas coisas, sofremos sem casas, sofremos pela água, sofremos pela chuva, quando ficávamos aqui sempre vinha chuva, vento, sofremos tudo isso. Crianças dormindo embaixo de lonas, sofrendo frio, agora nós estamos mais tranquilos, agora algumas pessoas já tem suas casas, já dormem dentro de casa. Antes não tínhamos água para as crianças tomar, tinha água, mas não dava para tomar, agora já temos água boa, água limpa. Isso também é importante para as crianças, água suja mata a criança, o adulto. Sabemos de tudo isso, por isso queria garantir para minha gente também ficar tranquila na terra nova. Cada terra conquistada traz a expectativa de que com ela venha mais felicidade”(Entrevista do Cacique Maraino, recolhida de internet)

No mapa abaixo é possível observar os espaços que eram ocupados pelas aldeias indígenas ao longo da rodovia e o novo local para onde foram transferidas a partir do processo de duplicação da BR-116/RS.



No quadro a seguir é possível observar o período em que essas terras foram entregues para ocupação indígena, qual era o nome das aldeias antes da remoção e qual o nome adotado após o processo de assentamento em terras indígenas

adquiridas num esforço conjunto do Subprograma Fundiário BR116, da FUNAI e DNIT. Em destaque para a aldeia *Guapoy* (Antiga Flor do Campo) que é o objeto desse estudo. O nome *Guapoy* (Figueira) foi escolhido devido a existência de uma frondosa árvore de “figueira” (*ficus microphyla*) logo na entrada da fazenda, que oferece uma majestosa sombra, um convite ao descanso e a brincadeiras em seus frondosos galhos.

<b>Total de Terras entregue aos indígenas no processo BR-116/RS</b>
Nova Pacheca – 01 de março de 2015;
Coxilha da Cruz 2 – hoje Tekoá Mirim – 28 de janeiro de 2015;
<b>Flor do Campo – hoje Guapoy – 27 de janeiro de 2014;</b>
Água Grande – hoje Yvy ã Poty – 28 de janeiro de 2014;
Arroio do Conde – hoje Yvy Poty – 31 janeiro de 2014;
Passo Grande – hoje Tenondé – 05 de agosto de 2014;
Kapy O Vy – hoje Guajayvi Poty – 06 de agosto de 2014;
Petim – hoje Tape Porã – 11 de outubro de 2013.

A mudança da aldeia Flor do Campo para a nova terra adquirida pelo Programa de Apoio às Comunidades Indígenas no âmbito da Duplicação da Rodovia BR 116/RS se deu no dia 29 de janeiro de 2014. A terra adquirida pelo programa estava, até então, sendo ocupado por um haras e já possuía algumas benfeitorias como um grande galpão (onde hoje funciona a escola Guapoy) e algumas casas de alvenaria, hoje já estão inseridas algumas casas típicas dos Mbyá Guarani (feitas de barro, taquaras e capim santa fé) e uma casa de reza (*opy*). Está localizada às margens da BR 116 tendo início no km 342, o que permite a venda do artesanato produzido pela aldeia, nosso entrevistado relatou ser essa a principal fonte de renda para que os guaranis possam adquirir alimentos e outros itens que não conseguem produzir.

Por ocasião de nossa visita nos foram oferecidos diversos objetos construídos por homens e mulheres artesãos da aldeia. Hugo nos relatou sobre a dificuldade em conseguirem matéria prima para a produção do artesanato e a construção de casas na forma tradicional. A seguir uma pequena mostra dos produtos artesanais produzidos na aldeia Guapoy.



*Artesanato produzido pelos homens e mulheres da aldeia (fotos tiradas no local)*



*Onças e corujas de cortiço produzidas por nosso entrevistado Hugo/Werá*

Junto aos limites da fazenda existe uma grande área de plantação de eucaliptos pertencente à Celulose Riograndense, conta também com um açude onde, segundo o cacique Maraino, pesca-se alguns peixes, mas são raros e pequenos. Um pouco mais afastado, fora da área demarcada, passa o Arroio Ribeiro onde também é possível pescar e conseguir algum peixe, recolher alguns materiais para o artesanato e refrescar-se nos dias de calor.

Hugo com o apoio técnico do DNIT, vem dedicando-se ao mapeamento da aldeia, levantamento da fauna e flora existente nas terras e a sazonalidade das plantas cultivadas no local.



*Fotografias dos banners produzidos para mapear a aldeia, sua flora, fauna e estações agrícolas*

A área total da fazenda é de 91 hectares e atualmente vivem na aldeia 27 famílias num total de 120 indivíduos, sendo que, metade desses são crianças e adolescentes. Algumas famílias alojaram-se nas antigas baias que abrigavam os cavalos do haras, o cacique ocupou a casa principal da fazenda e outras famílias construíram casas de lona de plástico preto ou azul semelhantes às que tradicionalmente construíam às margens da rodovia, algumas casas construídas no método tradicional Guarani também se fazem presentes, são em número reduzido, devido à dificuldade em encontrar material de construção na redondeza, a principal dificuldade encontra-se na obtenção do capim santa fé utilizado para a cobertura das casas. Segundo nos foi relatado por Hugo, este tipo de construção oferece muito conforto térmico, tanto no verão quanto no inverno.



Vista aérea das terras da Aldeia Guapoy (fonte google maps)



Mapa da aldeia desenhado por jovem guarani, o mapa faz parte do material didático utilizado por hugo em suas aulas

Segundo o que me foi informado por Hugo, 46 são crianças em idade escolar que hoje frequentam a escola divididas em 2 turmas de educação infantil ( de 4 e de 5 anos), primeiro ano (6 anos) e segundo ano (7 anos) atendidas por Hugo e as séries finais de 6º a 9º anos atendidas por uma professora de português e outra de matemática, ainda segundo Hugo, o atendimento às séries finais do Ensino Fundamental em fase de estruturação e eles estão reivindicando junto ao governo do Estado mais professores de outras disciplinas, atualmente são ministradas aulas de português, matemática, história, geografia, porém falta professor de artes. Também esperam a construção de mais escolas por conta do grande número de crianças na aldeia. Algo curioso foi que durante nossa visita às salas, na lousa havia diversas lições sobre religião do homem branco.

Não há no local qualquer indicação de que ali existe uma comunidade indígena, salvo uma pequena placa quase encoberta pela vegetação afixada na cerca e em local de pouca visibilidade. Sob nosso ponto de vista, isso é um grande problema, uma vez que os automóveis transitam por ali em alta velocidade, e as crianças da aldeia costumam atravessar ou andar em grupos pela estrada que não possui nenhum tipo de aviso aos motoristas quanto à necessidade de redução da velocidade no local.



Única placa indicativa do local de dimensões de aproximadamente 80 cm x 60cm quase encoberta pela vegetação

## 2 VISITAS À ALDEIA

### 2.1 Primeira visita à aldeia Guapoy

Na manhã de 26 de outubro de 2016 realizei minha primeira visita à sede da aldeia Guapoy, fui recebida por algumas mulheres que faziam artesanato à sombra da grande figueira, logo indaguei sobre onde poderia falar com o cacique da aldeia, logo me foi indicado o local em que o mesmo se encontrava. Depois de me apresentar, solicitei ao Senhor Maraino Garai (cacique) a permissão para realizar uma pesquisa na aldeia, logo percebi uma certa desconfiança, principalmente quando esclareci que minha pesquisa era dirigida às mulheres da tribo, neste momento cheguei a pensar que teria minha permissão negada, porém, a resistência inicial foi abrandada depois que o vice-cacique e professor de guarani se aproximou e mostrou interesse em meu trabalho.

Nesse momento então, Hugo Caceres, professor de guarani e vice-cacique da aldeia me conduziu até o local onde funciona a escola e me apresentou a professora que trabalhava com língua portuguesa nas séries finais. Ambos mostraram-se bastante receptivos a pesquisa, porém logo preocuparam-se em me avisar que seria difícil pois as mulheres não tem o costume de falar com pessoas estranhas, e muitas delas não dominam o português. Não deixei isso me abater, e pedi que me indicassem algumas mulheres que conhecessem o idioma para que pudessem conversar comigo. Então os dois me apresentaram Luiza Ferreira e Rufina Garai. A primeira tem a função de auxiliar na escola onde realiza tarefas de limpeza do local, a segunda é neta do cacique Mariano e artesã de pulseiras e colares com contas coloridas.

Nesta primeira visita, procurei conhecer minhas entrevistadas, perguntei-lhes sobre como viviam, os filhos que tinham, quais as principais atividades que desempenhavam, etc. Porém, quase não obtive respostas, apenas sorrisos e olhares que buscavam a aprovação do cacique Maraino que se fez presente durante todo o período que permaneci no local. Percebendo a resistência das mulheres a responderem minhas perguntas, passei então a realizar uma entrevista com o cacique, indagando-lhe sobre o funcionamento das atividades na aldeia, quantas famílias moram no local, etc. Alguns pontos dessa entrevista foram utilizados para fazer a caracterização da aldeia no capítulo anterior.

Indaguei sobre como estava acontecendo a adaptação a esse novo local de moradia e ele me disse que as famílias estão aos poucos se organizando, construindo suas casas e suas lavouras. Segundo o mesmo, os principais produtos cultivados nessas novas terras são o milho, a melancia, a batata doce e o aipim, que já foi plantado no ano anterior e tem ajudado muito na alimentação das famílias. Quanto ao peixe e a caça, ele diz serem bem escassas e que algumas famílias criam galinhas soltas pelo pasto que produzem ovos muito apreciados. Os alimentos que não conseguem produzir são comprados no comércio local com recursos que vem de programas do governo e também da venda do artesanato de cestos, peneiras, pulseiras, colares, esculturas de animais, etc.

Maraino também me relatou sobre sua alegria em ter recebido essas novas terras e da importância que as mesmas tinham para a manutenção do jeito de ser Guarani, que ali as crianças poderiam aprender a como lidar com a terra, com as plantas, que a água disponível ali era de qualidade e que já tinha projetos de plantações de arvoredos, bananas e abacaxi (culturas permanentes) para a área. Falou de sua alegria em saber que agora essas terras eram dos Guaranis e que ninguém podia vir “mandar eles irem embora”, e que, apesar de ser uma área pequena para suas necessidades, significa esperança para o povo Mbyá Guarani.

Depois de ter entrevistado o cacique, pedi permissão para voltar à tarde para conversar com as mulheres. Recebida a autorização, decidi me retirar da aldeia e retornar no período da tarde, pois achei que depois desse primeiro contato teria a possibilidade de falar a sós com as mulheres.

## **2.2 Conversa com as mulheres da aldeia**

Quando retornei à aldeia, por volta das quinze horas, para minha surpresa, fui novamente recebida pelo cacique, que logo mandou chamar as mulheres para falarem comigo, mandou também que buscassem cadeiras na escola para que todos nós nos sentássemos à sombra da figueira. Sem alternativa, procurei então iniciar uma conversa com as mulheres presentes. Porém não obtive êxito, elas mostraram-se bastante resistentes a oferecer qualquer tipo de informação livre e qualquer resposta que me davam buscavam o olhar de aprovação do cacique. Esse por sua vez, interagia comigo nas conversas, não deixando margem à resposta das mulheres. Então, resolvi fazer algumas perguntas diretamente às mulheres.

A primeira entrevistada foi Luiza Ferreira, de trinta anos. Luíza é mãe de três filhos, o mais velho tem 16 anos, a filha do meio tem 1 ano e 10 meses e o caçula com 3 meses de idade. Luiza trabalha na escola da aldeia auxiliando na limpeza e na cozinha e é uma das mulheres da aldeia que melhor domina a língua portuguesa. Enquanto estive conversando com ela, sua filha do meio, Bianca brincava ao nosso redor, e diversas vezes tentou interagir comigo, trazendo-me, folhas, uma tampinha de garrafa pet e um carrapicho, por várias vezes ela colocou e retirou esses dois últimos objetos em minha mão e tentava estabelecer um diálogo em guarani comigo, fiquei deveras enternecida com a atitude da menina, que logo não recusou o aconchego de meu colo e ficou indo e vindo até mim numa demonstração de empatia e confiança. Percebi então que ao dedicar atenção e carinho à pequena Bianca, sua mãe Luiza conseguiu “relaxar” dando-me oportunidade de buscar uma resposta mais “solta” a minha questão principal.

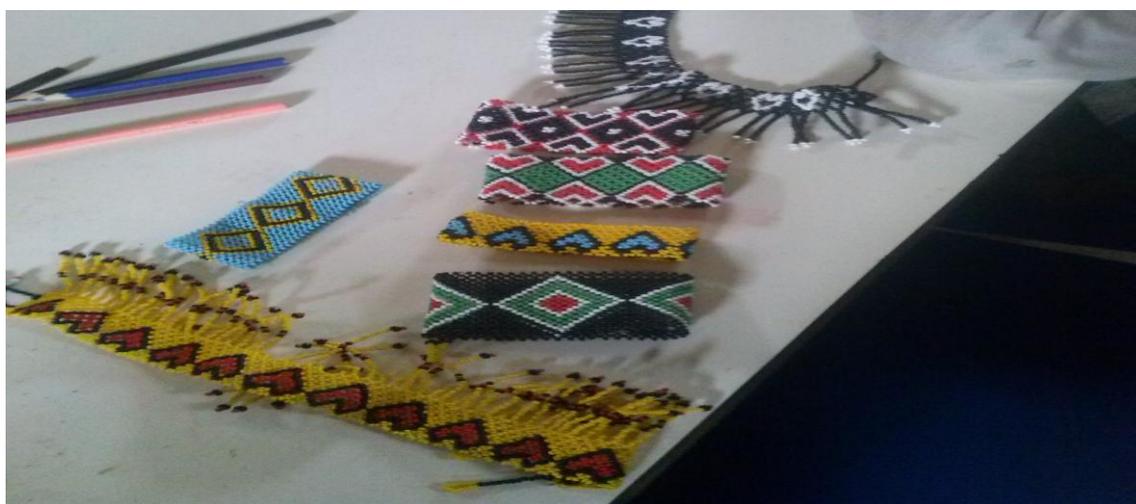
Quando perguntei a Luiza sobre o que a deixava feliz, o que se seguiu foi estranho, na verdade, pareceu-me que ela não tinha uma boa definição do termo “felicidade”, resolvi então mudar o termo para alegria, perguntando-lhe o que lhe deixava alegre. A resposta que obtive depois de certo tempo e de reflexão foi: “eu sou feliz de estar aqui”, como não entendi em que sentido ela usou essa frase indaguei-lhe, como assim? Estar aqui, agora? Aqui nesse lugar? Nessa terra?

Então ela me esclareceu, que sua alegria estava relacionada a possibilidade de viver na “terra nova” que ganharam há menos de dois anos, que se sentia feliz de pertencer a esse lugar. Confesso que na hora achei a resposta bastante estranha, porém me deterei a análise dessa afirmação mais tarde.



Luiza e seu filho caçula

A segunda entrevistada foi Rufina Garai, 21 anos, mãe de dois filhos um com 3 anos e o caçula com um ano e meio. Rufina é artesã e faz colares e pulseiras de contas plásticas coloridas muito bonitos (trabalhos que me mostrou posteriormente em outra visita). Como já havia conseguido “quebrar o gelo” com Luiza, obtive as respostas de Rufina com menos resistência inicial, porém, sempre na presença do cacique Maraino. Porém, para minha surpresa, aquilo que deixava Rufina feliz também era “Morar nesse Lugar”.



*Acima Rufina e seu filho caçula e as crianças da escola, e mostra do artesanato produzido por Rufina(foto tirada no local)*

Sai da aldeia naquela tarde com o sentimento de derrota, pensei que minha investigação havia fracassado. Porém, depois de refletir mais um pouco resolvi pesquisar na internet sobre os Mbyá Guaranis e buscar subsídios que pudessem me auxiliar a interpretação das respostas obtidas em minhas entrevistas.

### 2.3 Trabalho com as crianças

Como havia prometido voltar à aldeia, inspirada pela pequena Bianca, pensei em realizar lá um trabalho com as crianças, então no dia 09/11 retornei munida de folhas de papel ofício canetas coloridas e lápis de cor.

Quando cheguei à aldeia, logo fui reconhecida pelas crianças e quando perguntei se elas estariam dispostas a fazerem desenhos para mim, percebi a alegria com que aderiram à minha proposta. Então pedi que eles desenhassem as coisas que eles mais gostavam. Para minha surpresa, todos os desenhos representavam elementos da natureza com destaque para as árvores, as flores e pequenos animais e em muitos deles há a figura humana interagindo com esses elementos. E o mais interessante é que quando perguntei às crianças o que as deixavam felizes elas também responderam quase que unanimemente que era “estar aqui” ou ainda “morar aqui”, também se declaravam felizes pela existência da escola dentro da aldeia.



Crianças da aldeia trabalhando em seus desenhos

Então percebi que minhas entrevistas anteriores não haviam sido frustradas, a questão da terra, é algo realmente muito importante à esse povo, dessa forma, as respostas que recebi das mulheres Mbyá Guarani passaram a fazer sentido, eram coerentes com o que pude observar e sentir em minhas visitas à aldeia Guapoy.

Acontece que, naquele período, a aldeia ainda estava em êxtase pela recente posse da terra, depois de tantos anos a beira da estrada, sofrendo com enchentes, fogo, falta de escola e de moradias, receber a tão desejada “terra”, sem dúvida, foi e é motivo de grande alegria.

#### **2.4 O amor do Mbyá Guarani pela terra**

Em pesquisa na internet encontrei uma entrevista com um cacique Guarani de Eldorado do Sul – Santiago Franco, onde o mesmo expressa de forma muito clara o sentimento do Guarani para com a terra:

“ É pouquinho terra, cem hectares não resolve tudo, mas também é uma grande esperança que essa área nova traz. Aqui vai vir o fruto, a vida Guarani com certeza vai melhorar muito. A gente se sente muito feliz, meu neto, minha filha, meu filho que vem aqui. Essa terra aqui é uma alegria muito grande para a gente, uma área que tem recurso. Por exemplo, tem mata, tem arroio, tem muito peixe que vai ser importante para a criança voltar a brincar, fazer festa, festa com pesca, caminhar. Vai ter muito espaço para as crianças, para aprender mais a lidar com a terra. Através disso, com certeza, vai melhorar muito a vida Guarani. Vai fortalecer nossos conhecimentos, nosso tangará, nossa dança, nosso canto, é para isso que a gente precisa de terra. Vamos procurar produzir nossas comidas, vamos ter tranquilidade. Principalmente tranquilidade, porque aqui, a partir de hoje, ninguém vai poder dizer para sairmos, por exemplo. Hoje ficamos donos da terra, por cem hectares, isso vai fortalecer muito a nossa vida.

[...]

A terra foi criada por Nhanderu (nosso pai), e essa terra é do Guarani, porque aqui não tinha campo, era puro mato, só mato. Então nós Guarani nascemos no mato e juruá nasce no campo. Essa terra, essa America, é do Guarani, a gente sabe disso, o próprio Nhanderu sabe. Com certeza Deus está acompanhando nosso caminho, nosso pensamento, nossos interesses. Com certeza essa terra vai levar nossa criança a aprender mais a cultura, a língua, a forma como a gente vive, como se organiza o Guarani, como vive o Guarani, isso é importante para o futuro. A terra é muito sagrada, a gente respeita esse espírito da terra, o espírito da água, o espírito do mato. A gente tem essa ligação de natureza, com certeza vamos preservar nossa mata, nosso rio. Tekoa Yvy Poty vai estar firme, vai ficar pra Guarani, sempre vai estar vivo. Com certeza vou ficar velhinho aqui. Aqui é terra Guarani, foi Nhanderu que deixou pra nós, haevete (muito obrigado).” (Aqui é terra Guarani, Santiago Franco, 2014)

Como é possível observar no depoimento acima, a demarcação de áreas indígenas é vista com grande esperança pelos guaranis, é a esperança de preservar sua cultura e seu modo de vida, de ensinar às crianças o jeito de ser guarani, para

eles a terra, não é apenas um lugar para “viver” é a possibilidade de continuar existindo ou “resistindo” como povo guarani.

É curioso observar, o sentimento de gratidão que os guaranis têm em relação aos “doadores” das novas áreas, como pode ser observado no depoimento acima. Essa gratidão ficou bastante evidente nas falas do cacique Maraino e também do vice cacique Hugo. Também pude observar em minhas visitas que, ao contrário do que imaginava até então, como professora de história, não existe nenhum tipo de ressentimento do guarani voltado ao “branco” invasor. Na verdade, a impressão que tive é que os guaranis não têm uma ideia muito bem formada a respeito do processo que fez com que a terra “que era do guarani” passou a ser do “*Juruá*”. Isso se deva, talvez, a falta de registro escrito da história do povo guarani e também ao quase total desconhecimento da história do Brasil. Na verdade, eles “sabem” que a terra era do Guarani, que pertence a Nhanderu, mas parecem não saber exatamente como ela o deixou de ser. Como me colocou o professor e vice cacique Hugo Caceres, há uma grande resistência dos Guaranis em aprender “as coisas dos brancos”. Ele me disse também sobre sua vontade de escrever sobre as origens da aldeia e tentar registrar um pouco da história da aldeia e de sua luta pela implantação das escolas de aldeia.

Entre nossas conversas, Hugo me relatou, também, sobre as dificuldades que enfrentou quando decidiu que iria estudar, teve que desobedecer a sua mãe que afirmava: “*Nós somos guaranis, e isso basta! Não precisamos saber das coisas dos juruás.*” Talvez isso explique porque a maioria das mulheres da aldeia não fala o português, enquanto que quase todos os homens dominam o idioma. Na verdade, as mulheres, ao mesmo tempo em que são dominadas pelos homens, são responsáveis pela manutenção da cultura guarani e veem na interferência “branca” um risco à sua cultura.

Outro argumento que uso para demonstrar que as mulheres não são tão submissas é o fato das mesmas poderem decidir com quem querem se casar, e segundo o que me foi relatado, o rapaz faz a proposta, mas a palavra final, cabe à moça, para só depois o cacique dar a aprovação do casamento.

É curioso falar sobre a dominação masculina sobre as mulheres guarani, pois em minhas observações percebi a diferença na questão da liberdade com que as meninas menores interagiram comigo e com os meninos e a restrição que as mulheres adultas têm na presença dos homens. Nas poucas visitas que realizei a aldeia, não pude determinar quando se dá essa “ruptura”, só posso afirmar que

todas as mulheres casadas com que falei, tinham o mesmo comportamento submisso, ou melhor dizendo reservado. Contudo, isso não me pareceu uma imposição e sim um comportamento que elas passam a adotar com “naturalidade” e deve ter uma razão de existir, porém, não me foi possível determinar em tão pouco tempo de observação, fica “aberta” a possibilidade de um novo estudo com esse enfoque.

## 2.5 Retornando à aldeia

Num belo dia de sol, de março de 2018, saí de casa em direção à aldeia Guapoy, situada a pouco mais de um quilômetro de distância de minha residência. Fazia calor. Neste dia, não levei gravador, pois a intenção era apenas receber autorização para a realização de novo estudo na aldeia e conversar com Hugo para ver se aceitaria dar uma entrevista gravada.

Logo na chegada me deparei com a porteira de entrada aberta (na verdade ela sempre se encontra aberta). Logo à direita, a frondosa figueira que serviu de inspiração ao nome à aldeia “Guapoy” (a figueira é considerada a árvore chefe do mato) convidava a um descanso em sua imensa sombra, na qual havia 2 carros estacionados (mais tarde descobri que pertenciam às professoras da escola). Ainda à direita, observamos um grande galpão branco com porta e janelas azuis. A grande porta aberta revelava em seu interior uma divisão secundária e um grande espaço onde havia uma mesa com bancos ao redor.

Em frente havia outro prédio com uma grande varanda, na qual encontrava-se uma senhora sentada e, sobre um velho colchão de espuma, Rufina, acompanhada de um menino de aproximadamente 2 anos, trabalhava em seu artesanato com contas coloridas.



A esquerda, um espaço gramado que os meninos utilizam como campo de futebol. Ao fundo desse espaço gramado, há uma grande casa de alvenaria, que antigamente era a sede da fazenda e hoje é ocupada pelo cacique Maraino. No centro disso tudo, uma grande área aberta, meio terra, meio gramada.



A esquerda, campo de futebol e a direita parte da casa ocupada pelo cacique Maraino, ao centro a grande Guapoy (figueira)

Logo fui recebida por uma moça que aparentava vinte e poucos anos. Perguntei-lhe Maraino, cacique da aldeia e a mesma prontificou-se em chamá-lo. Então de dentro da casa, surge a figura do Cacique Maraino, já conhecido por mim, uma vez que eu já havia visitado a aldeia durante o período em que realizei trabalho etnográfico junto às mulheres e crianças da aldeia.

Fato curioso sobre o cacique é que nas outras vezes que estive na aldeia, entendi que o mesmo se chamava Mariano, inclusive foi assim que o registrei em meu diário de campo, inclusive como me reportei a ele durante as vezes que estive na aldeia. Porém, no dia do primeiro turno das eleições de 2018, quando seu Maraino chegou até a sessão em que trabalho como presidente de mesa, percebi, ao analisar seus documentos que seu nome era na verdade Maraino, quando então pude corrigir meu erro. Esse equívoco, inclusive, não foi exclusividade minha, no material elaborado pelo Comim a que tive acesso, também encontrei o autor se

referindo ao cacique como Mariano e não Maraino. Isso me fez refletir o quanto podemos nos enganar ao não dar importância a detalhes da pesquisa. Isso me fez voltar a aldeia ao final desse estudo para poder conferir junto a Hugo, se a grafia dos nomes e das palavras em guarani estavam corretas.

### 3 CONSTRUINDO A HISTÓRIA DO PERSONAGEM HUGO/WERÁ

Cumprimentei o senhor Maraino, ele demonstrou se recordar de mim, então expliquei o motivo de minha nova visita. Na outra oportunidade em que estive na aldeia, já tinha conhecido o vice-cacique Hugo, e, foi justamente daí que surgiu a proposta de realizar um estudo desse personagem que, naquele contexto, já mostrara-se interessado em construir um registro sobre a Aldeia *Guapoy*. Recebi do cacique Mariano a autorização de realizar novo estudo na aldeia e entrevistar Hugo. Também obtive autorização de fotografar a aldeia. A obtenção dessas autorizações foram de extrema importância para nossa pesquisa, pois existem muitos aspectos éticos que devem ser observados pelo pesquisador, antes da entrada em campo.

A maneira como o pesquisador entra em campo, o modo como lida com ele e como seleciona os participantes de sua pesquisa, levantam a questão sobre a forma como esse pesquisador informa a respeito da pesquisa e seus propósitos, assim como sobre suas próprias expectativas. (NORTHWAY *apud* FLICK 2009, p.54)

Pedi para que pudesse conversar com Hugo, então o cacique dá uma ordem a um jovem sentado à sombra da figueira utilizando-se do guarani, e o jovem logo retira-se para o grande galpão em busca do vice-cacique Hugo Caceres. Enquanto isso, realizei uma conversa informal com Mariano, sobre sua família, ele apontou entre as crianças que nos cercavam, seus netos e sua neta.

Pedi autorização para trazer doces para as crianças em nossa próxima visita, a mesma foi concedida com entusiasmo. Indaguei também se o fumo de corda era utilizado por eles, a resposta foi afirmativa, porém o cacique logo ressaltou que era muito difícil conseguir e também muito caro. Então prontifiquei-me a procurar (já tinha pistas de onde encontrar) e trazer na próxima visita.

Nisso aproximou-se, vindo do interior do prédio da escola, o vice-cacique e professor de guarani/português Hugo Caceres. Então o cacique Mariano pediu que conversássemos e que ele providenciaria o que fosse necessário e se retirou novamente para o interior de sua casa.

Neste primeiro contato com Hugo conversei sobre minha intenção de realizar um estudo da aldeia, através de sua perspectiva. A princípio ele achou estranho, mas mesmo assim aceitou a proposta, perguntei se ele se importaria que uma colega estudante de antropologia me acompanhasse como ouvinte durante a entrevista, ele disse que não havia problema. Perguntado também se ele aceitaria

que a entrevista fosse gravada, ele concordou com a gravação e também com as fotografias. Foi marcado então nova visita para a tarde da sexta-feira seguinte.

### 3.1 O dia da entrevista

Era um belo e quente dia de sol no final do mês de março, neste dia, minha colega da universidade me acompanhava, chegamos à aldeia e Hugo já nos esperava à sombra da enorme figueira (*Guapoy*) que dá nome a aldeia. Logo entregamos os presentes: doces e pirulitos, que havíamos levado para as crianças e o fumo de corda para o cacique. Havia uma brisa refrescante, e a sombra da *guapoy* (figueira) era um convite tentador. Hugo, no entanto, preferiu convidar-nos para o interior da escola da aldeia.

Hugo nos conduziu até o local onde funciona a escola e mostrou o espaço com cartazes e desenhos feitos pelas crianças. Alguns pontos dessa entrevista foram utilizados para fazer a caracterização da aldeia no capítulo anterior, outros fatos relevantes dessa entrevista passo a relatar a seguir.



Vista da frente do prédio onde funciona a escola Tekoa Guapoy

O local estava preparado para nos receber, deva para perceber o cuidado com que o que ele preparou o local, já havia separado os cartazes e materiais que pretendia nos mostrar, fomos acompanhados por algumas crianças que logo sentaram-se ao fundo da sala, curiosas com nossa presença.

Hugo passou então a mostrar os *banners* confeccionados por ele e os alunos da escola sob a supervisão técnica do DNIT, apontando no mapa onde estávamos, a localização das casas, os tipos de animais que já foram avistados na aldeia, falou dos veados (muito cobiçados), das cobras que são bastante incidentes em certo ponto da aldeia e de como as removem no caso de encontrarem alguma próxima das casas. Mostrou também um livro que ele utiliza em suas aulas e convidou a sentar nas carteiras da escola, apontou em um mapa todas as aldeias mbyá guaranis da região e explicou que só na região da cidade de Barra do Ribeiro existem sete aldeias.



Banner elaborado por Hugo e as crianças com apoio técnico do DNIT

Pedi então autorização para ligar o gravador, obtive sucesso! Logo Hugo incomodou-se com o barulho das crianças e falando em guarani, solicitou que os mesmos se retirassem da sala. A ordem foi obedecida imediatamente, de forma impressionante, sem nenhum tipo de resistência, ordeira e prontamente as crianças retiraram-se da sala.

### 3.2 A entrevista

Pedi então que Hugo falasse um pouco de si mesmo, de sua história. A princípio ele tentou resistir, dizendo que era muita coisa, que daria um livro. Houve um momento de descontração, expliquei que era isso mesmo, que pretendia: escrever um livro, a partir de sua história de vida.

Ele ficou inseguro, por onde começar, então perguntado se preferia que fossem realizadas algumas perguntas para ajudá-lo, sob resposta afirmativa, sugeri que ele começasse por seu nome, pelo lugar onde nasceu, etc. A seguir, encontram-se transcritos alguns trechos de como Hugo se autoapresenta.

*“Meu nome é Hugo, é, em português, é Hugo Caceres, mas em guarani é Werá (com W). Nasci na aldeia Passo Grande em 1988, eu sou vice-cacique e professor. Na verdade dou aula bilíngue. Sou eu que ensino português para as crianças. Dou aula de Guarani e Português”.* (fala de Hugo)

Hugo relatou que as crianças da aldeia, não sabem falar português só aprendem a partir dos 6 ou 7 anos. Indagamos então como ele se via? Tendo um nome em português e outro em guarani, se de certa forma ele se via dividido. Então Hugo respondeu que se via assim, dividido, porque da tradição guarani, à eles resta pouca coisa, somente a fala, não lhes é possível mais viver de acordo com a tradição.

O que ele sente mais é o fato de ser muito difícil preservar a tradição na aldeia, indagado do porquê, ele se refere à forma da construção das casas. Não é mais possível construir casas de taquara com barro e telhado de capim Santa fé, como antigamente, esses materiais não existem mais na região.

*“Se fosse possível, voltar ao passado, eu voltava, queria viver como a tradição Guarani.”*(fala de Hugo)

Perguntei-lhe sobre as vestimentas e rituais, se ainda as utilizam em rituais específicos. Relatou-me que na aldeia vizinha estão fazendo um CD com músicas tradicionais guarani, para divulgar junto ao público e que há um grupo da aldeia que já realizou apresentação em escolas em Tapes e que acharam a experiência bastante gratificante.

Relatou que já morou em diversos lugares, quando tinha cerca de 7 ou 8 anos, vivia em Osório, onde havia mais tradição, porém muita dificuldade em conseguir a alimentação, a terra pobre não produzia, alimentos suficientes, as chuvas

prejudicavam as plantações e colheitas. Lá não havia escola, os mais velhos não aceitavam, tinham medo de ter escola na aldeia “era coisa de branco” então com cerca de 12 anos, voltou a morar no Passo Grande, onde também não tinha escola.

Mas ele sempre sentiu uma imensa vontade de estudar, porém seus pais não aceitavam e ele não podia se opor aos pais. Então ele foi com seus pais para Santa Catarina passaram a viver numa aldeia onde tinha uma escola, então, apesar da resistência da mãe, Hugo passou a estudar, só que seus pais se mudaram novamente e ele foi deixado sozinho na aldeia, sem nenhum parente próximo, sem irmãos, primos, foi um tempo de muita tristeza para Hugo, apesar de estar entre guaranis, sentia muita falta de sua família, ficou sozinho dos 12 aos 21 anos, quando voltou para a aldeia Passo Grande. Então passou a conversar com as lideranças sobre a possibilidade de construir uma escola na aldeia, pois ele sentia muita pena das crianças que não tinham a oportunidade de aprender a ler e escrever, também observava a dificuldade dos adultos que precisavam se deslocar, usar ônibus na cidade e não conseguiam ler os destinos.

Então, depois de convencer as lideranças da aldeia, ele passou a lutar pela implantação de uma escola na aldeia. No início foi muito difícil, pois a Coordenadoria Estadual de Educação não via como implantar uma escola em uma aldeia que ficava à margem da BR 116. Hugo procurou auxílio junto à procuradoria do Estado, então a Coordenadoria foi visitar a aldeia para ver as condições, depois disso foi concedida autorização para a implantação da primeira escola de aldeia da região. Foi nessa escola que Hugo passou a dar suas primeiras aulas.

*“Depois disso outras pessoas daqui dessa região começaram a gostar da escola, acharam “legal”, a partir disso surgiram 8 escolas começaram a funcionar”*(fala de Hugo)

Na aldeia Guapoy a escola é de ensino Fundamental completo, quando concluem o ensino fundamental, precisam procurar outras escolas para cursar o ensino médio. Mas o grande objetivo de Hugo é trazer a escola de Ensino Médio para a aldeia, pois em sua visão é melhor que a formação de seus jovens se dê dentro da aldeia. Hoje a aceitação da escola na aldeia é bem maior do que no passado, porém, muitas vezes Hugo ainda conversa com os pais, incentiva-os a mandarem os filhos para a escola. Em seu relato de vida, Hugo se traduz por sua luta, sua luta pela implantação de escolas nas aldeias, pela garantia de acesso ao conhecimento pelas crianças e jovens guaranis, sem contudo, esquecer das

tradições, por isso a importância da criação de escolas indígenas inseridas nas aldeias.

Em sua entrevista Hugo relatou ter 8 irmãos, 2 deles morando em outras aldeias, 1 na Bolívia e outro em Santo Ângelo. É casado e tem dois filhos, um de seis anos que mora com a mãe em outra aldeia e o mais jovem com sete meses de idade de nome Michel e que ainda não possui nome Guarani, pois ainda aguardam o momento propício para que seja realizada a festa do batismo que deve ser no período da colheita do milho. Segundo Bonamigo;

“ O milho tem grande valor para os Mbyá-Guaranis [...] Não é somente o elo possibilita a ligação entre os dois mundos, divino e humano, mas também fator que propicia a introdução das pessoas na sociedade. [...] o milho é imprescindível para que o Mbyá receba seu nome, que passe a ser pessoa e se inscreva no círculo das relações sociais.” ( BONAMIGO: 2006, p.83)

Segundo BONAMIGO, é durante a cerimônia do batismo que um deus envia um nome para uma criança, dessa forma, as características próprias dos deuses são transmitidas aos nominados, tornando-os seus “parentes”, ou seja, a proteção de uma criança por um ser celeste é dada por *Nhanderu* que ordena e organiza a vida política na aldeia para que haja harmonia. (p.110)

Hugo contou de suas constantes visitas às aldeias vizinhas e também às mais distantes. Como exemplo citou a participação de um grupo da aldeia nos jogos olímpicos indígenas realizado no ano passado (2016) na cidade do Rio de Janeiro. As olimpíadas indígenas acontecem todos os anos, sempre no Rio de Janeiro. Os habitantes de *Guapoy* vão para participar mas não se veem como competidores, pois, segundo Hugo, não têm espaço adequado para treinar para os jogos, que envolvem luta corporal, corrida de tronco e natação.

Hugo relatou ainda sobre sua imensa vontade de cursar o Ensino Superior, mas que isso não é possível no momento devido a grande quantidade de atribuições que tem na aldeia e de seu envolvimento na implantação das escolas, comentou também sobre alguns aspectos da rotina da aldeia. Em sua definição, a rotina da aldeia é bastante simples, resume-se em trabalhar na roça e fazer artesanato. Para realizar essas atividades é necessário procurar locais onde se possa buscar material para o artesanato (principalmente a cortiça e a taquara), preparar a terra, observar o tempo propício para o plantio de cada tipo de cultura bem como o período de

limpeza das lavouras e da colheita. Ele possui sua lavoura, mas em suas palavras “é pequena” porque ele não tem como cuidar de uma lavoura maior.

Como eu e minha colega mencionamos que gostaríamos de adquirir algumas peças de artesanato, a esposa de Hugo (Michele) trouxe até nós algumas peças produzidas na aldeia. Alguns cestos, enfeites e esculturas de pequenos animais produzidos pelos artesãos locais nos foram mostrados, adquirimos uma onça talhada pelo próprio Hugo e um enfeite de penas no valor de vinte reais cac’ Depois disso perguntamos se era possível conhecermos um pouco mais da aldeia de suas terras.

### 3.3 Conhecendo a aldeia Guapoy

Depois de cerca de uma hora de entrevista, Hugo concordou em mostrar um pouco da aldeia. Era por volta das 16 horas da tarde e o sol continuava muito quente. Porém, para o nosso conforto, havia um vento muito agradável. Nos dirigimos então, ao caminho que dá acesso ao interior da aldeia, desligado o gravador o trajeto foi registrado em fotografias. Na foto Hugo/ Werá.



Hugo/Werá

Passamos a caminhar pela pequena estrada que levava ao interior da aldeia, pelo caminho revelavam-se as casas, as lavouras e principalmente o *nhandereko* (jeito de ser guarani). As lavouras, todas próximas às casas, são de uso das famílias, segundo o que nos explicou Hugo, cada família tem seu espaço para plantio, cada plantação tem um dono, porém, o espaço é utilizado pelas famílias que podem plantar, colher de acordo com suas necessidades, se houver sobra, podem trocar com outras famílias ou aldeias, a venda de produtos agrícolas não faz parte da tradição guarani, porém a terra, não pertence a ninguém, é partilhada por todos.



*Na primeira foto em primeiro plano, pé de milho guarani (colorido) associado ao cultivo do amendoim e casas construídas com taquara e barro com cobertura de capim muitas lavouras são bem próximas às casas. Cada família cuida de sua área.*

Há na aldeia uma grande porção de terras do tipo banhado, que no passado serviram à plantação de arroz, porém, a cultura do arroz não faz parte da tradição guarani, Hugo nos revelou que está em fase de projeto a implantação do plantio de árvores nativas no local, porém é necessário um estudo para determinar quais as plantas que se adaptariam a esse solo e que pudessem ser de utilidade à aldeia. Algumas curticeiras (árvore da qual se extrai a madeira para as esculturas guaranis) já foram plantadas, estuda-se outras variedades que possam produzir frutos comestíveis aos guaranis e/ou aos animais silvestres.



*Terras alagadiças com projeto de reflorestamento em andamento*

Na aldeia Guapoy há o contraste entre o tradicional e a interferência do mundo *Juruá* (do branco), os prédios do antigo haras foram resignificados, muitos deles foram ocupados como casas, o antigo galpão transformou-se na sede da escola, construções tradicionais guaranis inseriram-se neste contexto.



As antigas baias dos cavalos, agora abrigam famílias, casas de madeira e lona foram construídas, as lavouras de aipim, milho e melancia ocupam o espaço das antigas pastagens.



*Ao fundo observa-se casas construídas com taquara e barro com cobertura de fibrocimento.*

A dificuldade em conseguir o Capim Santa Fé ou a “taquara” para a cobertura das casas, acabou levando à utilização da telha de fibrocimento, o que torna as casas muito quentes no verão e muito frias no inverno, descaracterizando, assim as tradicionais casas guaranis. Esse fato é visto como motivo de grande tristeza para Hugo.

### **3,4 Hugo/Werá**

Como colocou Hugo, há uma grande resistência dos Guaranis em aprender “as coisas dos brancos”. Ele falou também sobre sua vontade de escrever sobre as

origens da aldeia e tentar registrar um pouco de sua história. O mesmo também relatou sobre as dificuldades que enfrentou quando decidiu que iria estudar, e que para realizar esse objetivo teve que sofrer com o abandono de sua mãe que afirmava: “*Nós somos guaranis, e isso basta! Não precisamos saber das coisas dos juruás!*”

Aquele menino sonhador transformou-se num grande líder e hoje conta uma história de luta e de realizações. Hugo foi o pioneiro na inserção das escolas nas aldeias da região, mas tem uma clareza muito grande quanto à necessidade da preservação da cultura guarani. Em nossa caminhada pela aldeia, em sua fala, deixou bem claro seu amor pela terra, a ligação íntima entre o jeito de ser Guarani e natureza. O amor e o respeito à família, à tradição e à preservação dessa tradição. Hugo hoje vive na aldeia com sua esposa, seu filho, avó, mãe, irmãos e sobrinhos.

Hoje a mãe de Hugo concorda com a importância da escola na aldeia, a escola tem oportunizado a alfabetização não só das crianças, mas também dos adultos de forma que a escola possui hoje 82 alunos, quase 70% da população da aldeia.



Hugo e sua família

Quando andamos pelas terras da aldeia Guapoy acompanhadas por Hugo, foi possível perceber que toda sua visão, todo seu interesse estava voltado à

construção desse espaço, espaço onde o *Nhandereko* da aldeia poderá ser preservado. Sua luta pela implantação das escolas na aldeia, também demonstra a preocupação em preservar essa cultura, pois ele percebe a necessidade de construir um tipo de escola onde o Guarani esteja presente, a primeira língua que eles aprendem a escrever é o Guarani, depois, aos poucos o português é inserido.

No folheto da Semana dos povos indígenas 2018, elaborado pelo COMIN, Hugo ressalta as vantagens das escolas nas aldeias:

Na escola eu trabalho com a língua Guarani, a escrita bilíngue e o comportamento das crianças. Falo da cultura para o futuro: como vai ser daqui pra frente. Qual é a cultura que está mudando a nossa realidade? Porque a nossa realidade antigamente era outra, agora está mudando pra geração de hoje. Por isso conto do passado. No passado as crianças ouviam mais histórias dos avós, escutavam lendas. Mas hoje em dia isso mudou por causa da tecnologia: os maiores já têm celulares. Têm televisão, tem computador. Isso mudou um pouco, assim como na sociedade *juruá*. muitos já não querem ouvir histórias, porque têm televisão. Não querem mais conversa, porque eles conversam pelo celular, mandam mensagens, por causa da tecnologia, isso mudou. A gente conversa sobre isso na comunidade, mas isso não é só aqui, é em quase todas as comunidades. ( Caceres *in* COMIN 2018, p.26)

Foi fácil perceber a metodologia adotada por Hugo na escola da aldeia, em todos os trabalhos e cartazes expostos havia a presença das duas línguas nominando os objetos, primeiro em guarani e abaixo em português. Talvez de forma inconsciente Hugo tenha criado essa metodologia para incutir nas crianças a ideia de que o Guarani vem primeiro, e que o mundo Guarani é capaz de traduzir o mundo Juruá.

Acreditamos ter encontrado a razão pela qual Hugo trabalha tanto pela implantação das escolas nas aldeias: ele vê nelas a possibilidade da preservação das histórias Guaranis, ele percebe na língua escrita sua dimensão histórica, suas possibilidades de transcender o tempo, pois durante a entrevista, falou sobre a falta que faz a antiga tradição dos mais velhos relatarem suas experiências aos mais jovens. Não que não existam mais esses relatos, mas devido ao fato deles não encontrarem mais a mesma receptividade de outrora nos corações dos jovens, ele teme que essas memórias se percam e que, no futuro, elas não sejam mais contadas, daí a importância de seu registro.

## CONCLUSÃO

No decorrer desse estudo fui surpreendida de várias formas, pois mesmo que tentemos nos esvaziar de nossos preconceitos, sempre sobrar certo grau de etnocentrismo, buscar a neutralidade científica não é tarefa fácil, mas é um exercício que precisa ser observado pelo antropólogo que busca desvendar os mistérios de uma cultura que lhe é estranha. Quando cheguei à aldeia pela primeira vez, tinha uma visão muito limitada a respeito dos guaranis que ali viviam, só os conhecia-“de longe”, mas a experiência de ter convivido com aquele grupo, mesmo que por pouco tempo, me fez mudar radicalmente essa visão.

Quando determinei meu primeiro objeto de estudo não podia sequer imaginar as descobertas que realizaria. Quando cheguei pela primeira vez à aldeia tinha em mente descobrir o porquê da alegria das mulheres guaranis. Escolhi esse tema porque sua alegria sempre me chamou a atenção. Um sorriso-acanhado, de quem acha graça de tudo, as conversas entre elas em sua língua mãe, sempre me deixaram intrigada. Apesar da barreira da língua, imbuída do espírito investigativo e fui à campo.

Para minha surpresa, descobri que não só as mulheres, mas também os homens e crianças da aldeia sentem-se felizes pelo simples fato de ter o privilégio de ocupar um pedaço de terra. Sim, o privilégio, é assim que os indígenas se sentem em relação à ocupação das terras há pouco demarcadas.

Na aldeia pude perceber que a relação entre o indivíduo e a natureza é muito forte e que todas as pessoas com que falei, sem exceção, vivem uma espécie de êxtase coletivo devido ao fato de terem alcançado o sonho da construção de um espaço onde sua cultura e seu jeito de ser podem ser preservados. A felicidade proporcionada pela aquisição definitiva desse novo espaço trouxe ânimo e esperança a toda aldeia. É a concretização de um sonho há muito aguardada, é a possibilidade de manutenção do jeito de ser Guarani, de seu *Nhandereko*.

Quando recebi as primeiras respostas de minhas entrevistas, pensei que nada me seria revelado, porém, quando consegui abster-me de minhas noções de valor e dar vazão aos meus sentimentos, acredito ter conseguido, pelo menos em parte, entender o que tão veementemente me afirmaram: A alegria do Guarani está relacionada ao espaço que ele ocupa e à forma como se relaciona com ele. A princípio não entendi como alguém podia ser feliz pelo simples fato de ter “um

pedaço de chão”, que na verdade nem era seu, mas do coletivo. Porém, quando regressei à minha casa depois de passar um dia inteiro na aldeia, no convívio com os guaranis, percebi em mim uma sensação de paz e tranquilidade. Esse sentimento me fez perceber, que, de certa forma, até então, queria entender aquele grupo social a partir de minha concepção de mundo, que apesar de ter sido criada no interior, nunca tive a capacidade de reconhecer a beleza da natureza, ser grata pelas coisas simples, pela oportunidade de produzir alimentos saudáveis aos meus familiares, de ser do meu jeito, não ter que provar nada pra ninguém, apenas por poder viver do jeito que se quer, sem ter que dar satisfações a quem quer que seja, pois nossa forma de ser não deve ser imposta por padrões ou convenções, deve ser respeitada em sua singularidade e beleza.

Só depois de outras leituras e reflexão, consegui entender o que aquelas mulheres me afirmavam, um guarani é feliz por poder ser guarani, por poder preservar seu jeito, seus costumes, elas não precisam ser iguais aos *juruás* para serem respeitados, não precisam e não querem nossas tradições, são felizes em preservar as suas. Tem grande gosto em mostrar seu *Nhandereko* aos não guaranis, assim talvez consigam nos “guaranizar”, nem que seja um pouquinho.

Esse mundo material que temos construído tem nos afastado cada vez mais de nós mesmos, tem nos tornado cada vez mais ocupados, temos trabalhado para adquirir um milhão de coisas inúteis e nos esquecido de olhar pela janela. Acredito que aprendi a lição guarani, para ser feliz, não importa o quanto nós não temos e sim o quanto somos gratos pelo o que temos. Já coloquei anteriormente sobre a gratidão dos guaranis e acredito que esse é o “grande segredo” da felicidade daqueles homens e mulheres, ser gratos sempre e nunca deixar os outros nos dizerem como devemos ser.

Quando voltei à aldeia para estudar a trajetória do vice- cacique e professor de Guarani Hugo e como este se apresenta como personagem dessa narrativa, visto que Hugo consegue em sua prática docente transitar entre os costumes e tradições guaranis e os costumes e tradições dos “brancos”. Quando perguntado como ele se identifica, ele relutou na resposta, e por fim se definiu como: “uma metade de cada coisa”. Disse que se considerava assim porque entendia que eles não viviam mais na tradição, que de guarani eles só preservavam a língua, que é muito difícil para eles viverem na tradição, principalmente na questão das moradias, que é muito difícil construir de forma tradicional, pois os materiais utilizados são difíceis de encontrar

na região. No entanto, mesmo tendo ouvido ele dizer isso, a impressão que tive durante as vezes que estive na aldeia, é que Hugo tem muita clareza da importância de seu trabalho para a preservação da cultura Mbyá Guarani, sua luta pelas escolas de aldeia, nada mais são do que a busca pela oportunidade de realizar uma educação voltada às necessidades e desenvolvimento da aldeia, sem contudo, perder o foco da construção de seu jeito de ser .

Na aldeia pudemos perceber que a relação entre o indivíduo e a natureza é muito forte, mas não no mesmo sentido em que vemos a natureza, as pessoas com que falei na aldeia, me ensinaram isso, pois, no jeito de ser guarani, há uma íntima ligação entre o indivíduo e o espaço que ele ocupa, dessa forma, ao guarani só é possível ser guarani em um território ou espaço construído especialmente para o guarani. Que ser feliz para um Guarani é ter a possibilidade de simplesmente ser do seu jeito, utilizar a terra do seu jeito, deixar crescer o capim, não fazer cercas, não ver as cobras e ratos como ameaça, etc.

No entanto, os guaranis precisam transitar pelos espaços *jurúas*, precisam aprender a lidar com as interferências do mundo ao seu redor, necessitam fazer respeitar seus direitos de ser guarani. No que se refere à educação das crianças, são exigidos pelo governo e pelas leis que as mesmas sejam alfabetizadas. Dessa forma, a construção de escolas na aldeia é vista como alternativa que pode reduzir em muito a ameaça da preservação da tradição Guarani.

Talvez Bonamigo (2006) possa nos auxiliar na interpretação desses fatos. Os Guaranis entendem a necessidade de se relacionarem com o não-índios, embora não se misturem com os não-índios pelo casamento, ao ingerirem alimentos doados pelos não-índios, misturam-se com eles, o que não teria sido desejável se pudessem cultivar a terra e dela colher a totalidade de seus alimentos. Da mesma forma, incorporam elementos do mundo *jurúá*. “não há consumo por causa de uma necessidade objetiva de consumir (...), há uma produção social, um sistema de troca, de materiais diferenciados, de um código de significados e valores constituídos. A funcionalidade dos Bens vem depois”.

Para Bonamigo (2006), ao relacionarem-se com os não índios, outra lógica está envolvida, não é a lógica capitalista. O ato de pedir, possibilita o dom, como no fato de pedirem a escola pra aldeia, possibilitaram o dom da alfabetização que lhes facilita movimentar-se pelo mundo *Jurúá* autonomamente, eles “consomem” a cultura branca de forma subjetiva, apropriam-se daquilo que possa facilitar a

preservação de seu jeito de ser, de forma que possam ser aceitos em sua diversidade, eles revelam ao branco aquilo que acham pertinente, para obter nessa troca formas de conhecimento que possam facilitar a obtenção de seus direitos.

Almejar pelos mesmos direito dos não-índios, tem o significado, segundo Dionísio, de “saber viver de duas maneiras diferentes, uma na aldeia com seu *Nhandereko*, e outra, fora da aldeia, com os não-índios”, ou seja, aproximando-se dos não-índios, (BONAMIGO: 2006, p.150)

Os mbyás-guaranis, agem pela economia da reciprocidade e nela incluem não só as mercadorias, mas também aqueles que doam, pois isso é o que está inscrito no seu jeito de ser. Na verdade não querem se aproximar do capitalismo, querem é indigenalizar a modernidade, nos ensinar um pouco de seu *Nhandereko*.

Segundo o cacique Maraino, (COMIN, 2018) na educação guarani o corpo e a palavra interagem. As palavras dos mais velhos entram nas cabeças dos jovens e permanecem lá. O aprendizado das crianças e dos jovens acontece ouvindo, observando e praticando. Todo lugar e todo momento é lugar de aprendizagem, normalmente as meninas aprendem com as mães, tias e avós e os meninos com os pais, tios e avôs. A forma como cuidar das plantas tradicionais é mais um exemplo de como o modo de ser Guarani é profundamente espiritual. Os alimentos tradicionais são cultivados nos roçados de forma coletiva e trocados de forma solidária entre as comunidades, e esta é uma prática revelada pelas divindades, essa narrativa é contada pelos anciãos há muitos anos. Quem não lembra mais, muda pra cultura *juruá*. Assim, os mais jovens adquirem o conhecimento guarani, para continuar seu modo de ser, mesmo convivendo com a cultura *juruá*.

Mas com a pressão da cultura *juruá*, chega a necessidade das crianças e jovens aprender a ler e escrever, então é melhor que as crianças frequentem escolas dentro de suas comunidades. O cacique Maraino compara as duas formas de educação: “*agora já tá todo mundo estudando. Mas as crianças estão estudando só pra vocês, os juruá. Eles têm que lembrar duas coisas da mesma forma. Pode estudar, mas tem que lembrar da nossa cultura.*”

Enquanto isso, nós os *juruás*, muitas vezes, nos esquecemos de valorizar nossa humanidade, nosso jeito de ser, nossa família e nossa tradição, aliás, não poucas vezes, deixamos que a ideologia capitalista nos diga como devemos ser, somos “levados” pela lógica do mercado e da mercadoria, pelo individualismo e egoísmo. Acredito sinceramente que temos muito a aprender os Guaranis e seu

*Nhandereko*. No decorrer desse estudo, busquei relatar um pouco do que aprendi entre os guaranis de Guapoy, espero que essa possa ser uma singela contribuição para a o conhecimento dos não-índios, sobre o jeito de ser Mbyá guarani, com certeza, muitos outros estudos se fazem necessários para compreendermos, pelo menos em parte, a complexidade do *Nhandereko*. *Haevete!* (muito obrigado!).

## REFERÊNCIAS

**BONAMIGO**, Zélia Maria. **A economia dos mbya-guaranis: trocas entre homens e entre deuses e homens na ilha da Cotinga em Paranaguá- PR**. UFPR, Curitiba: 2006. Disponível em: <http://acervodigital.ufpr.br>, acesso em 03/10/2017.

**CHAMORRO**, Graciela. **Terra madura / Yvy Araguayje: fundamento da palavra Guarani**. Dourados: UFGD, 2008.

**COMIN**. **Pindoty, irapuá e Guapoy: Três comunidades Guarani Mbya lutando pela terra**. Oikos: São Leopoldo, 2018

**FLICK**, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Artmed: Porto Alegre, 2009.

**LADEIRA**, Maria Inês. **O espaço Geográfico Guarani-Mbyá: significado, constituição e uso**. EDUSP: São Paulo, 2008.

**LADEIRA**, Maria Inês. **O caminhar sob a luz: território Mbyá à beira do oceano**. São Paulo: USP, 2007.

**MALINOWSKI**, Bronislaw [1922]. In: **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. SP, Coleção os Pensadores, Ed. Victor Civita, 1984, pp. 5-48.

**MELIÀ**, Bartomeu. **El Guarani conquistado y reducido**. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos, 1997.

<http://comin.org.br/publicacoes/interna/id/107> acesso em 14/10/18

<http://www.indigena.mppr.mp.br/>, acesso em 08/10/2017

<http://mbyaguaranibr116.org/dnit-e-funai-realizam-a-entrega-da-ultima-area-do-subprograma-fundiario-na-br-116rs/>, acesso em 08/10/2017

<http://mbyaguaranibr116.org/da-flor-do-campo-para-a-figueira/> acesso em 09/10/2017

<http://mbyaguaranibr116.org/aqui-e-terra-guarani-santiago-franco/>, acesso em 08/10/2017

**SCHADEN**, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusao Europeia do Livro, 1964.

## ANEXOS



CACIQUE MARAINO



HUGO MINISTRANDO SUA AULA DE PORTUGUÊS/GUARANI



MICHEL FILHO DE HUGO



CRIANÇAS MENORES BRINCAM NO ESPAÇO DA ESCOLA ENQUANTO AS AULAS  
SÃO MINISTRADAS AOS MAIORES